

“... a estranheza que o senhor Soares provoca em mim”

A propósito do Livro “Boa Noite, Senhor Soares”, de Mário Cláudio ¹

Paulo Nogueira (Universidade do Porto – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação)

L54

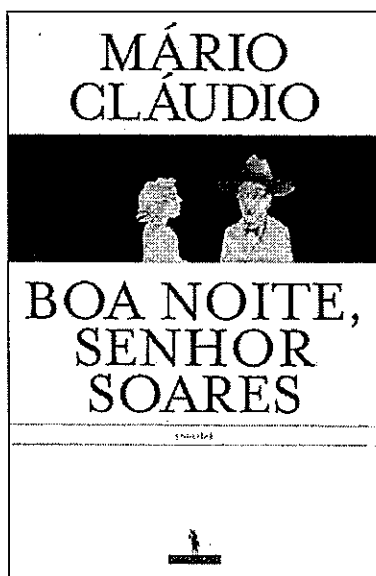
Um dos conceitos que hoje em dia tem vindo a modificar-se e a tornar complexa a sua definição é o conceito de «escritor». É escritor o indivíduo que aparece na capa de um livro, é escritora a pessoa que pede a outra para escrever e publicar a sua história de vida. É ainda escritor o sujeito que mantém um diário, seja ele virtual ou em papel. «Ser» escritor parece ter-se tornado mais num modo de estar no mundo, de ter uma vida aparentemente muito própria, ou de ascender a uma relativa visibilidade. Na verdade, as fronteiras que actualmente rodeiam o campo literário, bem como as regras que no seu meio se jogam, cada vez mais revelam a luta entre os capitais material e simbólico das obras, fenómeno já estudado por Pierre Bourdieu, bem como por outros autores ligados à sociologia da literatura. Vejam-se os “escritores” que recorrem à publicação de um livro para porem um ponto final em assuntos que ainda dão lugar a dúvidas, incertezas ou mistérios, sobretudo de natureza desportiva e

política. Ou os livros receituários de felicidade, narradores de tragédias já esgotadas pelos media, do que injustamente ficou por dizer. Não sendo reconhecido pela crítica, ou pela maior parte da crítica, o capital destes livros circula contudo entre nós e os tops. Mais para o leitor do que para o escritor, dirão alguns, é no livro que ainda parece morar uma certa ideia de verdade. George Steiner, ao reflectir sobre a história do livro, diz mesmo que o texto escrito e impresso conservou sempre ao longo do tempo o valor do inquestionável, ao contrário da oralidade humana, essa “imensidade oceânica”, como lhe chama. E vaticinando, considera até que “(...) a única forma de que dispomos para tentarmos questionar, refutar ou provar a falsidade de um texto passa sempre por escrevermos outro texto. O texto sobre o texto.”²

Não é contudo a análise do fenómeno editorial ou escrito, este do ponto de vista histórico e cultural, que aqui nos traz. Sendo a *Lusografias* um espaço de dispersão e de desejo,

um espaço de escrita entre diferentes leituras, é a experiência de ler um dos mais pedagógicos e rigorosos escritores portugueses, como é Mário Cláudio, que aqui se apresenta, essencialmente à luz da evocação que percorre o seu último livro «Boa Noite, Senhor Soares». Desde logo, porque encontramos-nos face a um livro que é um grande inquérito à identidade de um signo português, como é Fernando Pessoa, e que regressa a uma musicalidade suburbana e literária, para alguns esquecida, enquanto para outros importante de ser recordada. Mário Cláudio insiste na escrita da memória, ao mesmo tempo que recupera uma deontologia também ela implicada com o acto criativo em si, ambos processos de encontro individual com o mundo e não apenas para o ver, antes para o inventar e transfigurar. Talvez por isso, o presente escritor diga frequentemente que só há escrita do passado ou que “todas as biografias são um romance”.

O leitor comum pedirá sempre ao livro o desvelar de um facto, uma



ordem de acontecimentos, exigirá que o escritor lhe restitua a promessa de sentido que a leitura é. Deste em especial, «Boa Noite, Senhor Soares», essa promessa vai sucedendo por entre cadências diversas, pelas unidades de tempo e de discurso que desviam o leitor a cada instante, através dos ritmos por onde entra e pelas imagens e eventos que sugere. Ler este livro não parece por isso ser suficiente se quisermos compreender o sentimento de inquietação que o constitui – isto é, ler, no sentido de uma mera descodificação do texto. A necessidade de escutar o livro vai nascendo no decurso da leitura, imobilizando o leitor à medida que os factos vão sendo descortinados, porque exigem intervalo e reflexão. Tal como já foi dito por um leitor

atento de Mário Cláudio, João Roberto Maria da Cruz, a propósito do livro «As Batalhas de Caia», de 1996, "(...) uma das linhas de força do romance português contemporâneo está na coexistência e vinculação entre o inventário crítico da realidade – pessoal ou histórico-social – e a reflexão sobre os processos de constituição interna da obra literária."³ Este tipo de hibridismo literário que conjuga imaginário com pensamento, mente com não mente, realidade com supra-realidade, ou ainda, biografia com ficção, transporta-nos, inevitavelmente, para uma concepção do livro como obra aberta, diria Umberto Eco, de filamentos entrecruzados, a maior parte indeterminados. Deste modo, não parece ser de abandonar o que já Deleuze e Guattari lembravam no célebre ensaio *Rizoma*, ao referirem que no livro, como em qualquer outra coisa, "(...) há linhas de articulação ou de segmentaridade, estratos, territorialidades; mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e de desestratificação".⁴ E mais à frente continuam, explicando que "(...) escrever nada tem a ver com significar, mas com calcorrear, cartografar, mesmo terras por devir"⁵. Escritor de densidades e de retratos sociais, arqueólogo da palavra e dos seus usos, Mário Cláudio calcorreia um universo singular muito característico e moderno do imaginário colectivo português, que é o Pessoaano. E por isso, cada um dos segmentos literários que compõem a

obra «Boa Noite, Senhor Soares» são acima de tudo processos de inscrição e de exibição do mundo, diria Ricoeur, anéis abertos sobre uma paisagem de dentro reperspectivada, e sempre por conhecer, tal como Lisboa na época retratada: é este capital simbólico da escrita de Mário Cláudio que importará acentuar.

As «espessas cortinas» do Senhor Soares

António da Silva Felício, jovem aprendiz de caixeiro na Lisboa dos anos 1930, é um cartógrafo sem nunca o ser, um rapaz que vem de Escalos de Cima para a capital à procura de ocupação e de outras fontes de lazer. É sobre a metamorfose psicológica e idiossincrática deste rapaz – cuja existência é referida por Fernando Pessoa/Bernardo Soares em *Livro do Desassossego* – que Mário Cláudio escreve, e transgredindo não só a curta passagem de António Felício no referido livro, mas também a realidade, não menos complexa, de um dos sub-heterónimos de Fernando Pessoa. O ponto de partida que presidiu à escrita desta novela foi, portanto, a leitura que Mário Cláudio fez de um dos fragmentos do *Livro do Desassossego*, um marco crucial da literatura portuguesa que Fernando Pessoa encarna na identidade de Bernardo Soares. Neste livro, neste "monumento literário do séc. XX", como assim lhe chama Richard Zenith, é auto-narrado o quotidiano de um ajudante de guarda-livros na

cidade de Lisboa e o modo como entre o trabalho, a rua e a casa, articula e critica a sua ética. Nas palavras de Fernando Pessoa/Bernardo Soares, o *Livro do Desassossego* deveria ter "(...) um título mais ou menos equivalente a dizer que contém lixo ou intervalo, ou qualquer palavra de igual afastamento."⁶ A novela de Mário Cláudio incorpora de algum modo, ainda que tenuemente, o espírito do *Livro do Desassossego*, muito embora não tenha qualquer objectivo de comprometer-se com a inquietude narrada por Bernardo Soares; apenas as malhas deste sentimento podemos supor formarem a alma de António, homem atravessado pela figura do Senhor Soares nas mais diferentes formas e contextos. E o leitor, informado pelos olhos de António, nunca chegará a conhecer por completo o mundo do Senhor Soares, até porque grande parte dos dados que lhe são fornecidos provêm mais das fantasias e dos sonhos que António vai tendo acerca do poeta. Em todo o caso, e conhecendo o tom do próprio *Livro do Desassossego* e o modo como nele Bernardo Soares se estuda, não são precisas muitas descrições no livro de Mário Cláudio para sentirmos a realidade viva do poeta, e como tudo o oprime. Mas não é o livro de Bernardo Soares que aqui interessa, e sim o de Mário Cláudio, escritor que tece uma combinação de linguagens feita de contrastes, quebras e rupturas a cada passo identificáveis. Há de facto intersecções várias entre as duas obras, a de Soares e a de Mário

Cláudio, não fosse a segunda inspirada na primeira. Acontece que a obra de Mário Cláudio multiplica o efeito enigmático provocado por Pessoa/Soares nesse seu "estranho e triste livro", tornando possível repensar o poeta e a sua narrativa. O livro «Boa Noite, Senhor Soares» autoriza assim um duplo regresso: um, a um certo real adolescente masculino, vivido e imaginado por alguns, e outro ao próprio *Livro do Desassossego*, sempre revisitado, do qual o leitor sentirá sempre algum temor. Livro terrível este que Pessoa escreveu e que o meteu no mais profundo poder-saber-viver, diria Gaston Pineau⁷, um tratado que é uma justificação constante de si na relação com o Outro. Aproveito para recordar uma das suas passagens para mim mais marcantes e que me ligou à novela de Mário Cláudio,

"Estou quase místico, como eles, ao falar deles, mas seria incapaz de ser mais que estas palavras escritas ao sabor da minha inclinação ocasional. Serei sempre da Rua dos Douradores, como a humanidade inteira. Serei sempre, em verso ou prosa, empregado de carteira. Serei sempre no místico ou no não-místico, local e submisso, servo das minhas sensações e da hora em que as ter. Serei sempre, sob o grande pálio azul do céu mudo, pajem num rito incompreendido, vestido de vida para cumpri-lo, e executando, sem saber porquê, gestos e passos, posições e maneiras, até que a festa acabe, ou o meu papel nela, e eu possa ir comer coisas de gala

nas grandes barracas que estão, dizem, lá em baixo ao fundo do jardim."⁸

Qualquer adolescente, lendo este trecho, sente a tentação de identificar-se com o poeta. E acontecera a António da Silva Felício, jovem dominado pela exuberância do poeta, tenha sido ela fruto dos poderes oníricos ou da empiria, entre a necessidade e o acaso de conviver com o Senhor Soares. Diga-se o que se disser, não é na escola, pelo menos naquela que ainda existe, que os adolescentes aprenderão a *procurar os poetas*. Tem de ser um processo vivido em silêncio, mais de dentro, mais irracional do que racional, sem forçar autoridades. Há por isso um diálogo que o leitor pode manter, e em segredo, com António, diálogo esse à medida das perplexidades de um jovem passando por Lisboa, feito de indignação face à mudez do poeta, à necessidade de se perguntar pelo poeta, podendo o leitor às vezes imaginar-se como tal. Mário Cláudio regressa por isso a uma temática que, segundo disse numa entrevista recente, "aparece pouco na nossa literatura"⁹, salientando o ponto de vista de um jovem acerca do *modus vivendi* português e lisboeta, ao longo de quatro décadas de profundas transformações culturais, sociais e políticas. A novela está repleta de pequenas alusões, e não apenas linguísticas, a símbolos e a lugares de referência para as gerações dos anos trinta, quarenta, cinquenta. Desde os *Provisórios* aos guias do *Baedeker*, desde o tipo de

papel usado à marca da água de colônia, desde o mobiliário à febre das gentes, etc., tudo isto é-nos oferecido pelos olhos de António, como o deslindar de uma paisagem. Nestes termos, parece que é de concordar com Roland Barthes, quando paradigmaticamente diz que escrever é “um acto de solidariedade histórica”¹⁰. E todavia, atendendo à prática literária de Mário Cláudio, quase apetece dizer que a opção de contar a história pelos olhos de um jovem não resultará apenas da intenção de recuperar um universo esquecido na literatura portuguesa, a infância e a juventude. Arriscamos dizer que se trata também de um regresso individual, do próprio escritor, a um mundo já por si explorado e escrito em trabalhos poéticos anteriores, designadamente em «Dois Equinócios», obra de 1996. Aproveito para lembrar um desses textos de contida emoção,

Eras muito pequeno, e a tua mãe
morrera,
e varrias a casa, se o Verão te
não chamava,
para que saltasses, pela janela do
pinhal.

Ninguém te decifrava o coração,
ninguém,
nem os brinquedos de pau,
inventados na terra.
Pálido e sozinho, ias
adormecendo, abraçado à
almofada do luar.

Partia o irmão maior, às vezes,
com uma ideia negríssima,
sempre que berrava o pai,

quando a noite crescia.

E vinhas buscá-lo, pela mão, à
soleira da porta,
Chorando sempre, descalço¹¹.

É provável que a incursão por este poema de «Dois Equinócios», a propósito do livro que aqui nos traz, possa parecer de algum modo desajustada, mas é contudo, neste contexto, uma associação que dificilmente ignoro. É um jovem que vive e transmite ao leitor a gramática de encontros com o Senhor Soares, e não um adulto, e isto fará com certeza toda a diferença, quer do ponto de vista narrativo e literário, quer criativo. É movendo-se através da significância destes encontros na história, em crescendo até à apoteose final (sem, no fundo, podermos falar de um final apoteótico), que o leitor vai compreendendo o quotidiano do Senhor Soares e a maturação do próprio António, de jovem alojado na casa da irmã, dividindo-se entre o armazém e o «bródio», nas palavras do escritor, durante a noite com os amigos – leia-se, a título de exemplo, a narração da ida ao Bordel no Bairro Alto – a adulto de serviço militar feito em Campolide, casado com uma mulher crente em Santa Luzia e nas telenovelas brasileiras, pai de três filhos, mais tarde proprietário de um bazar, homem preso nas ruas de Lisboa, a cidade que fora “mãe e madrastra do moço que eu tinha sido”, dirá anos depois António. Pressente-se uma sensibilidade infantil no modo como esta maturação é (des)escrita por Mário Cláudio, desde logo porque a

presença do sonho, na sua crise com a vigília, é uma variável constante, bem como a nostalgia que naturalmente se instala. Noutros casos, e nas alturas em que António se pergunta pelo Senhor Soares, onde estará, como estará, com quem falará, o leitor é ainda apanhado por um tipo de inquirição que geralmente caracteriza a adolescência, inseguro e possessivo. Os encontros entre António e Senhor Soares não são muitos. Mas em todos eles, António Felício é capturado para um espaço de aparente desencontro consigo próprio, mercê da intrigante provocação do poeta e da inexplicável redenção que se lhe sente surgir. Resumimos a quadratura desses encontros nos seguintes momentos, correspondendo, respectivamente, aos dias que se seguiram à entrada de António no armazém dos tecidos como aprendiz de caixeiro (capítulos I a IV); à altura em que o senhor Soares surpreende António à volta da sua coleção de mapas e guias de turismo (capítulo V); ao dia em que, a pedido do Patrão Vasques, António leva o *Livro da Razão* a casa do poeta (capítulo VI) e, por fim, quando António, antes de regressar a Escalos de Cima, se dirige ao escritório para recuperar os seus pertences (capítulo VII). Em todos estes encontros damos conta da estranheza que é, para António, descobrir o Senhor Soares, bem como do que fantasiara a seu respeito, acreditando nas suas mais bizarras impressões. Veja-se, a este respeito, a ocasião em que António surpreende a “unha dura e encardida” do Senhor Soares:

“Foi nessa altura que, baixando o olhar, me apercebi que ele tinha os pés descalços, encafuados nuns chinelos, e de que pelo buraco de um destes espreitava o dedo maior, de unha por aparar, uma unha dura e encardida como não se admitia, nem mesmo a um limpa-chaminés. Lembro-me bem de ter pensado então, rapazote tão ignorante que eu era nessa época, esta maluquice que ainda hoje me dá vontade de rir, «É um sinal de Deus, é dali com toda a certeza que lhe nasce a sabedoria.» Mas o senhor Soares acordou-me com a pergunta seguinte, surgida dos abismos da sua alma, e que me atingiria como se tivesse sido formulada por um cadáver, «Tens lume?», e acrescentou de imediato, «Esqueci-me de comprar fósforos, e estou morto por fumar.»¹²

O leitor tem acesso às aparições do poeta na vida de António, e como entre ambos se cria uma forma particular de linguagem, através de uma penetrante retrospectiva que é a escrita de Mário Cláudio e este livro. «Boa Noite, Senhor Soares» é, em certa medida, um livro *retro*, por causa da perspectiva em que se posiciona e olha as coisas, e por causa também da retroversidade que emana: António é, para todos os efeitos, um homem retroversivo, amarrado algures entre o passado, o presente e o futuro, forçado a eternizar uma juventude mais contemplativa do que pragmática:

“E haveria de sonhar o senhor

Soares, isto na minha fantasia, sendo poeta como constava, com uma mulher muito linda, descida de uma fonte encantada, e vestida com véus transparentes que permitiam que se lhe distinguissem os seios maneirinhos, mas firmes, da virgem à beira de deixar de o ser.”¹³

“Ainda hoje o senhor Soares passa pela Rua Augusta, pela Rua da Prata, pela Rua dos Douradores, e pela Rua dos Fanqueiros, com as abas da gabardina desfraldadas ao vento que vem do Tejo. Ele roça o braço nos empregados do escritório, nas costureiras, nas secretárias, e nos moços de fretes, e um nó de angústia aperta-lhe a garganta, maravilhado e dorido por essa gente que transita.”¹⁴

Vulneráveis na dissimetria da cidade, a maneira como Mário Cláudio narra o encontro da trajetória de António com a de Senhor Soares, encontro de algum modo comum mas sem ser esperado, leva o leitor a crer que, possivelmente, o poeta veria no jovem a sua própria mundividência, incómoda, incompleta. Não seria com efeito a incompletude o anel que os unira? Mário Cláudio, autor insigne da cultura portuguesa, cujas periferias e identidade investiga, remete para esta novela um certo espírito intelectual e social vivido por Lisboa num dos períodos de maiores fracturas estéticas e literárias. Isto não significa que António represente esse espírito – ele é-nos mais dado pelo trânsito do Senhor Soares e pelo retrato das

peçoas, do trabalho e das ruas. Em todo o caso, duvidaremos sempre dos destinos que vieram a cair na vida de António, isto é, do contrato que estabeleceu entre si e o futuro. De rapaz de sonhos à ortopedia da idade adulta, esta é a interrupção contada por Mário Cláudio, e que deixa pairar, no inventário crítico do leitor, um tom de permanente esperança relativamente à pessoa que António poderia ter sido um dia. Situado na encruzilhada do psiquismo humano, onde afecto e desejo, superfície e profundidade, interno e externo, se conjugam num universo de descontinuidades várias, António rende-se à preguiça de viver, sentindo-a crescer de ano para ano, sujeito à realidade tal como ela se lhe assiste e à progressiva erosão do seu sentido de utilidade. E será assim no arranjo dos dias, para sempre dentro do armazém onde fora um aprendiz de caixeiro, que António dirá mudo com o Senhor Soares as palavras escritas no *Livro do Desassossego*, livro que muito provavelmente leria,

“Se houvesse de inscrever, no lugar sem letras de resposta a um questionário, a que influências literárias estava grata a formação do meu espírito, abriria o espaço ponteadado com o nome de Cesário Verde, mas não o fecharia sem nele inscrever os nomes do Patrão Vasques, do guarda-livros Moreira, do Vieira caixeiro de praça e do António moço do escritório. E a todos poria, em letras magnas, o endereço Lisboa.”¹⁵

“... dedilhando um colar que eu decidira de pérolas.”

A razão pela qual se escreve não é fácil de ser explicada, pelo menos quando vista numa lógica que não se contenta com a explicação meramente racional das coisas. E Mário Cláudio, tomando como referência o livro que aqui nos traz, parece fazer da escrita um acto “grotesco”, mais de lançar-se do que projectar-se, justamente porque escrevendo inaugura um outro tipo de racionalidade e de relação com a vida. E se assim é, a escrita, ao ser reescrita pelo leitor, torna-se num corpo diferente, dá lugar a outro e torna-se por isso parte de um segmento que é heterogéneo e plural, destituído de uma única linha. Os torpedos rítmicos presentes ao longo de toda a novela de Mário Cláudio, sendo mecanismos de constituição interna da obra, são também importantes dispositivos de subjectivação das categorias de tempo e espaço, categorias essas essenciais no modo como a narrativa vai sendo apropriada pelo leitor. Na verdade, nenhum escritor controla em absoluto o modo, ou o poder, através do qual a sua escrita possui o corpo do Outro, isto é, a sua recepção. Em todo o caso, a descontinuidade de lugar, de tempo e espaço entre quem escreve e quem lê é também a continuidade da figuração que um mesmo texto pode ter: a existência de um texto, literário e criativo, substantiva-se na existência de *um outro*. Este Outro é uma figura, reguladora e intrusa, do escritor – a minha escrita é o meu espelho, e

sobre este aspecto as perspectivas lacanianas são bem esclarecedoras – mas é também o Outro que o escritor desconhece e que *vai ter um corpo*, alguém que fará o seu próprio texto a partir de uma escrita que escolheu para si, uma escrita pela qual foi possuído, e para através dela pensar o sentido da sua experiência. Ora, é talvez devido a estes torpedos rítmicos que a escrita de Mário Cláudio obriga o leitor a escutar, como no início deste texto dissemos, o peso das palavras que cada uma das personagens transporta na obra. Veja-se a distância que vai de António à Tia Celeste, mulher má, doente, provavelmente feia, a tia que nenhum de nós desejaria ter em casa e com toda a certeza qualquer um a conhece. Ou Florinda, irmã inglória de António, dominada pelo marido Gomes, homem cujo género, e norma, ainda vemos perpassar o tempo. De facto, a escrita de «Boa Noite, Senhor Soares» resulta num excelente dispositivo de análise das dinâmicas familiares nos inícios do séc. XX. E são frequentes os momentos em que, num mesmo trecho, Mário Cláudio circula de uma voz para outra, aproximando e separando abismos, temporalidades distintas numa mesma tensão entre construção e desconstrução, esperança e dor, realidade e ficção. Usando as palavras do escritor ao dizer que “nenhum de nós narra um qualquer enredo de maneira igual, nem o senhor, nem eu, nem seja quem for quem tente decifrar o que nós redigimos”¹⁶, restará agora ao leitor entrar no tom imperial desta obra, envolto numa nuvem, e tornar a

instruir de poesia os seus impulsos,

“Pela madrugada da Rua Augusta, inteiramente deserta, segue o senhor Soares em direcção ao Tejo, e não acerto em saber se o frio que me bate nas costas vem das bandas de Sintra, ou do rosto do poeta onde a lua se espelha.”¹⁷

- ¹ Adaptação do texto produzido para a sessão de lançamento do livro «Boa Noite, Senhor Soares», de Mário Cláudio, ocorrida no dia 28 de Junho de 2008, na Biblioteca Municipal de Gondomar, Porto.
- ² Steiner, G. (2007) *O silêncio dos livros*. Lisboa: Gradiva, p. 14
- ³ Cruz, J. R. M. da (s/d) «Entre a página e o mundo ou a aprendizagem do resgate: uma leitura de *As batalhas do Caia*», Associação Internacional de Lusitanistas, www.geocities.com/aill.br.
- ⁴ Deleuze, Gilles e Guattari, Felix (2006) *Rizoma*. Lisboa: Assírio & Alvim, p. 8
- ⁵ Deleuze, Gilles e Guattari, Felix, *op. cit.*, p. 10
- ⁶ Soares, Bernardo (2006) *Livro do Desassossego*. Lisboa: Assírio & Alvim, p. 461
- ⁷ Pineau, G. (1996) «Les histoires de vie comme art formateur de l'existence», in *Pratiques de Formation*, 31, Paris: Paris VIII
- ⁸ Soares, Bernardo, *op. cit.*, p. 165
- ⁹ Visão On-Line, 5 de Junho de 2008
- ¹⁰ Barthes, R. (1973) *O grau zero da escrita*. Lisboa: Edições 70
- ¹¹ Cláudio, Mário (1996) *Dois Equinócios*, Porto: Campo das Letras, p. 39
- ¹² Cláudio, Mário (2008) *Boa Noite, Senhor Soares*. Lisboa: Dom Quixote, p. 77
- ¹³ Cláudio, Mário, *op. cit.*, p. 33
- ¹⁴ Cláudio, Mário, *op. cit.*, p. 54
- ¹⁵ Soares, Bernardo, *op. cit.*, p.137
- ¹⁶ Cláudio, Mário, *op. cit.*, p. 92
- ¹⁷ Cláudio, Mário,